

## SIMÃO\*

*Uma história de amor*

Simão tinha vinte anos quando certo fim de tarde, estava ele espreado sobre o musgo verde e fofo do caminho, lhe ocorreu que podia fazer-se à estrada e tornar-se pajem. Isso mesmo bradou ele aos ventos e às copas dos pinheiros, e os pinheiros — não sei se é verdade, se é mentira — sacudiram as barbas beatas, e as pinhas juntaram-se num coro mudo de risadas, e o nosso homem ganhou assim coragem para se levantar e cumprir de imediato a decisão acalentada por uma vontade irrefreável. Agora já ele está de pé e marcha pelo verde ou pelo azul adentro, sem atentar num rumo geográfico. Atentemos nós por um momento na sua aparência! Simão tem pernas longas, de longe demasiado longas para um pajem que marcha e caminha, e que lhe dão um andar pateta. Os sapatos são reles, as calças idealmente rotas, o casaco cheio de nódoas, e o chapéu — chegando ao topo — vai aos poucos ganhando a forma que o pouco cuidado e o fraco material com o tempo tornariam inevitável. Ele, o chapéu, assenta nela, a cabeça, como a tampa enviesada de um caixão, ou como a tampa de latão de uma velha frigideira enferrujada. A cabeça, na verdade, é quase ruiva como cobre, não tendo por isso nada que objectar a uma comparação que esteve demasiado tempo no fogão. Simão leva às costas (nós, a história, seguimos agora sempre no seu encalço) um bandolim velho e maltratado, e vemos como as mãos seguram nele e começam a dedilhar as cordas. Ó milagre! O som de prata que este instrumento velho e esgalgado escondia dentro. É como se pequenos anjos brancos e graciosos tocassem violinos dourados! A floresta é uma igre-

\* *Simon – Eine Liebesgeschichte*, 1904 (data da primeira publicação, aqui e adiante, salvo indicação em contrário).

ja, e a música que ouvimos é como a música de um velho e venerando maestro italiano. Tão delicado a tocar, tão mavioso a cantar, este garoto mal amanhado. Em boa verdade, se ele não pára já, ainda nos apaixonamos por ele. Ele pára, e nós temos tempo para recuperar o fôlego.

Que estranho, pensava Simão quando deixava a floresta para logo a seguir se embrenhar noutra, que estranho que já não haja pajens no mundo. Será que é assim porque também já não há mulheres belas e portentosas? Talvez não, pois lembro-me ainda que a poetisa da nossa cidade, a quem enviei os meus poemas, era anafada, lenta e majestosa o bastante para precisar de um ágil pajem. O que fará ela agora? Pensará ainda em mim, que estava perdido de amores por ela? Com estas reflexões e afectos, Simão continuou a avançar. Ao deixar outra vez a floresta, os campos reluziam como ouro a tremer, as árvores eram brancas, esverdeadas, verdes, e tão cheias de seiva que Simão não conseguiu conter o riso. As nuvens percorriam o céu, indolentes e grandes como gatos a espreguiçar-se. Simão afagou-lhes mentalmente o pêlo macio e matizado. Um azul muito fresco e húmido enchia o espaço. Os pássaros cantavam, o ar vibrava, o éter destilava odores apetecíveis, e ao longe viam-se montanhas escarpadas, para onde o nosso rapazote agora se dirigia a direito. Já o trilho começava a subir e já a noite começava a cair. Simão pegou de novo no bandolim, que manejava como um feiticeiro. A história senta-se de novo numa pedra atrás dele e escuta com grande assombro. Entretanto, o autor aproveita o tempo para repousar.

É uma tarefa cansativa, esta de contar histórias. Sempre a correr atrás de um rapazote romântico, pernalta e bandolineiro, e sempre à escuta de tudo o que ele canta, pensa, sente e diz. E o diabo do pajem não pára quieto, e nós temos de ir sempre atrás dele, como se fôssemos na verdade o pajem do pajem. Ouve um pouco mais, paciente leitor, se tens ainda ouvidos, pois dentro em breve diferentes personagens prestarão as suas mais submissas reverências. As coisas animam-se. Surge um palácio; achado para um pajem à procura de castelos em ruínas. Mostra agora a tua arte, filho, senão estás perdido. E ele mostra. Canta para a donzela que se dá a ver na varanda do primeiro andar, com voz tão doce, tão mentirosa, que o coração dela necessariamente se comove. Temos um palácio sombrio como que saído de uma história de encantar, temos penedos, pinheiros e pajens, pajens não, um pajem apenas, sim, o nosso Simão, que neste momento reúne na sua rica figura, acima descrita, todos os graciosos pajens do mundo inteiro. Temos canções e música de bandolim, temos a doçura que o rapaz sabe esconjurar do seu instrumento, e temos o que em circunstância alguma poderia faltar, uma meiga donzela

vestida de branco, que envia um sorriso para baixo e com a mão chama para cima. A canção conquistou um lugar no coração dela, porque é uma canção tão simples e doce e bonita. «Sobe, querido rapaz, tão terno, tão belo, tão sentimental!» Ouvimos ainda o júbilo, o soluçar de alegria que escapa da garganta do felizardo e que por um breve momento atravessa a noite; vemos desaparecer a sombra dele, e agora cá fora tudo é silêncio e penumbra.

O autor, em grandes cogitações, arranca agora à sua fantasia atormentada aquilo que os seus olhos já não estão autorizados a ver. A fantasia tem olhos que tudo vêem. Não há muralha de dez metros, não há sombra por mais negra e venenosa que perturbe o seu olhar, um olhar que atravessa muralhas e sombras como se fossem redes. O pajem subiu a voar a escadaria ampla e revestida de tapeçarias, e ao chegar acima, deparou-se à entrada com uma magnânima senhora num vestido branco como a neve, que puxou Simão para dentro com um gesto da mão, sobre a qual ele exalou um suspiro quente. Seja-nos concedida licença para descrever todos os beija-mãos que agora se seguem. Lugar algum dos belos braços, mãos, dedos e unhas escapou aos beijos dos lábios vermelhos e ávidos, lábios estes que se inflavam em tão galante exercício. É por isso que, como agora notamos, os pajens têm sempre lábios abertos como duas páginas de um livro. Leiamos tranquilamente o que a linguagem deste livro mais tem para contar.

A mulher, tendo pedido ao rapaz que se refreasse, disse-lhe com familiaridade, como quem fala a um cão inteligente, afeiçoado e leal, que se sentia muito só, que à noite ia sempre para a varanda, que a nostalgia por um não sei quê indizível não lhe deixava um momento de sossego aprazível e inconsciente. Afastou as madeixas rebeldes da testa de Simão, tocou-lhe na boca, afagou-lhe as faces afogueadas e repetiu várias vezes seguidas: «Meu querido e bom rapaz! Sim, serás meu criado, meu servo, meu pajem. Tão bem que cantaste. Tão fiel o teu olhar. Tão belo o sorriso da tua boca. Ah, já há muito tempo que ansiava por um rapaz assim para matar o tempo. Saltarás à minha volta como um cervo, e a minha mão afagará o pequeno cervo, gracioso e inocente. Quero repousar sobre o teu corpo moreno quando estiver cansada. Ah...» Neste momento, a excelsa mulher corou e deteve-se por longo tempo a olhar para um canto escuro do sumptuoso aposento. Esboçou depois um sorriso benevolente e, como se tentasse tranquilizar-se, levantou-se e tomou na sua bonita mão as duas de Simão. «Amanhã, querido pajem, vou vestir-te de pajem. Estás cansado, não é verdade?» e sorriu, e por entre o sorriso enviou-lhe um beijo de boas-noites. Conduziu-o ao longo de uma torre

que parecia bastante alta até chegarem a um pequeno quarto muito limpo. Uma vez no quarto, ela beijou-o e disse: «Estou só. Estamos completamente sós aqui. Boa noite!» e desapareceu. Quando Simão desceu as escadas no dia seguinte, a mulher de branco estava já à porta, como se esperasse pacientemente há algum tempo. Estendeu-lhe a mão e a boca e disse: «Amo-te. O meu nome é Clara. Sempre que me desejares, chama pelo meu nome!» Passaram para um quarto faustoso e todo forrado de panos de arrás, que dava para um pinhal verde-escuro. Aqui, sobre o espaldar ricamente trabalhado de uma cadeira, estava o traje em seda negra de pajem. «Veste agora estas roupas!» — Ah, a cara de felicidade pateta, de sincero entusiasmo que o nosso Gaspar ou Pedro ou Simão não pôde deixar de fazer! Ela disse-lhe que trocasse de roupa, saiu veloz do quarto e regressou dez minutos depois com um sorriso, para encontrar o pajem vestido de seda negra com que provavelmente terá sonhado em horas de devaneio. Simão parecia muito bem nas suas novas roupas; o seu corpo esguio assentava na perfeição na prisão estreita de um traje de pajem. E assumiu logo de seguida os modos de pajem, curvando-se com timidez, e no entanto inconscientemente, sobre o corpo da mulher. «Agradas-me», sussurrou ela. «Vem, vem!»

Brincavam agora todos os dias à senhora e ao pajem, o que lhes dava grande prazer. Simão encarava a brincadeira com muita seriedade. Pensava ter encontrado a sua verdadeira vocação, e nisso tinha ele muita razão. Nem por um momento se perguntou se a magnânima senhora em toda a sua magnanimidade partilharia aquela seriedade, e de novo aqui tinha ele muita razão. Repetia o nome dela, Clara, sempre que se dedicava a servir o seu corpo voluptuoso. E, de resto, não perguntava mais nada, pois a felicidade, ó leitor, não tem tempo para longas inquirições. Ela deixava-se beijar com grande serenidade, como se estivesse a ser beijada por uma criança. Certa vez, dirigiu-se a ele: «Sabes, sou uma mulher casada, o meu marido chama-se Agapaia. Um nome de demónio, não achas? Em breve, ele regressará. Oh, que medo sinto! Ele é muito rico. São dele o palácio, as florestas, as montanhas, o ar, as nuvens, o céu. Não te esqueças do nome. Diz-me lá, como se chama ele?» Simão gaguejou: «Aca..., Aca...» «Agapaia, meu querido rapaz. Não percas o sono por isso. O nome não é nenhum demónio.» E, ao dizer as últimas palavras, chorou.

Os dias sucediam-se, e certo fim de tarde, volvida já uma ou duas semanas, a mulher e o pajem foram para a varanda do palácio quando começava a escurecer. As estrelas reluziam como cavaleiros enamorados,

iluminando o estranho casal: a mulher em roupas modernas e o pajem num traje espanhol. Ele tangia as cordas do seu bandolim, como ao cair do dia sempre costumava fazer, e eu e a história não chegamos a acordo sobre o que seria mais doce: se a melodia dos dedos ligeiros, se os olhos silenciosos da mulher que observava o músico. A noite esvoaçava como uma ave de rapina. A escuridão era cada vez mais cerrada, quando subitamente se ouviu um tiro na floresta. «Ele está a chegar, o demónio Agapaia aproxima-se. Tem calma, meu rapaz! Vou apresentar-vos. Nada tens a recear!» E, no entanto, aquela que assim falava tinha a testa franzida, as mãos tremiam-lhe, suspirava e misturava risadas curtas na torrente de medos que tentava a custo esconder. Simão observava-a muito calmo; lá em baixo alguém chamou: «Clara!» A mulher respondeu com um «Sim?» amável e inusitadamente agudo. A voz repetiu o chamamento e perguntou: «Quem se senta aí a teu lado?» «É o meu cervo, o meu cervo!» Ao ouvir estas palavras, Simão levantou-se de rompante, tomou nos braços a mulher que tremia e gritou para baixo: «Sou eu, Simão! Dois braços são tudo o que preciso para te mostrar, patife, que não sou rapaz para brincadeiras. Vem cá acima, para que te apresente à minha amada!» O demónio Agapaia, sem dúvida notando que neste momento estaria a passar por um demónio bastante burro, traído e cornudo, deixou-se ficar lá em baixo, aparentemente para meditar sobre a melhor forma de ataque que fizesse face à posição tão perigosa em que se encontrava. «Lá em cima está um malandro, de uma frieza cega, que encolhe os ombros com insolência. A minha superioridade é duvidosa. Tenho de meditar, meditar, meditar.» Também a noite, a estranha conduta da mulher, a voz do «rapazote lá em cima», o enigmático não sei quê para o qual o demónio não encontrava palavras, tudo o instigava a meditar às cegas. Medita, choramingavam as estrelas, medita, grasnavam as aves nocturnas, medita, sussurravam os pinheiros, de modo obscuro e no entanto perceptível, agitando as copas... «Ele medita», cantou a voz fresca do pajem em celebração da vitória. Ainda hoje ele medita, o pobre demónio negro Agapaia. Não arreda pé da sua meditação. Simão e Clara são agora marido e mulher. Como tal aconteceu, será mais tarde contado pela história que, neste momento, tentando a custo recuperar o fôlego, precisa absolutamente de descansar.